RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Quarta-Feira, 18 de Novembro de 2026

Jornalistas e Estudantes Debatem Cobertura Responsável de Violência Contra Mulheres na ALMT

Capacitação 'Noticiar sem Vitimizar' reúne profissionais para discutir práticas éticas na abordagem de feminicídios

A Procuradoria Especial da Mulher da Assembleia Legislativa de Mato Grosso realizou, nesta terça-feira (17), um encontro de capacitação intitulado "Noticiar sem Vitimizar". O evento buscou sensibilizar profissionais de imprensa e estudantes de jornalismo sobre a importância de uma abordagem ética e responsável na cobertura de casos de violência contra mulheres e feminicídios.



Segundo a procuradora da Mulher, Franciele Brustolin, a iniciativa surgiu da necessidade de aprimorar a forma como a mídia comunica sobre agressões e homicídios de mulheres. "Identificamos que há lacunas importantes na divulgação desses casos. A capacitação busca orientar jornalistas a evitar a revitimização, responsabilizar o autor do crime e informar sobre as penas previstas, funcionando como fator de dissuasão", explicou.

A secretária de Estado de Assistência Social e vice-governadora eleita, Gisela Simona (União), ressaltou que "a conduta que resulta em feminicídio não deve ser naturalizada. Transformar esses casos em espetáculo intensifica o sofrimento das vítimas e de suas famílias". A coronel PM Giselle Paes complementou que "a violência contra a mulher transcende questões de segurança pública, sendo um desafio que envolve toda a comunidade".

Marcela Vieira, diretora da Escola do Legislativo, enfatizou o impacto transformador da iniciativa. "A comunicação possui poder para edificar ou destruir. Este evento representa um compromisso institucional de abordar a violência contra mulheres sem reproduzir estereótipos, focando em soluções e no respeito à dignidade das vítimas", afirmou.

O workshop foi conduzido pelas mestras em Comunicação Deyse Boroviec, da Assembleia Legislativa, e Nara Assis, do governo estadual. As jornalistas abordaram estratégias para evitar revitimização, humanizar a cobertura, preservar a dignidade das vítimas e conscientizar a sociedade sobre a prevenção.

A forma como um feminicídio é divulgado pode reforçar preconceitos e vulnerabilizar vítimas e familiares, ou então contribuir para a compreensão da violência de gênero como um problema estrutural. As palestrantes destacaram que quando a tragédia se torna entretenimento, a mulher sofre uma segunda violência. "Quando uma vítima vê sua história transformada em espetáculo, ela pode perder o incentivo para denunciar futuros atos de agressão", observou Deyse.

As jornalistas apontaram que a violência doméstica é enraizada na estrutura social, perpetuando divisões patriarcais que classificam mulheres em categorias morais. Este é um padrão que o movimento feminista trabalha para desconstruir.

Nara Assis enfatizou que "uma cobertura jornalística responsável vai além do relato factual. Deve proteger as vítimas de exposição desnecessária, humanizando suas histórias e ajudando o público a compreender os fatores que geram violência de gênero, fortalecendo assim a prevenção".

Expressão que deve ser evitada	Sugestão de comunicação não revitimizante
“Ele não aceitava o fim do relacionamento.”	“O autor não respeitou a decisão da mulher de encerrar o relacionamento e praticou violência contra ela.”
“Ele perdeu a cabeça.”	“O autor praticou um ato de violência pelo qual deve ser responsabilizado.”
“Cego de ciúmes.”	“O autor utilizou o ciúme como justificativa para exercer violência e controle sobre a mulher.”
“Cometeu o crime por amor.”	“O amor não justifica a violência. O crime foi uma manifestação de violência contra a mulher.”
“Agiu em momento de loucura.”	“O autor praticou a violência e deve responder por seus atos, sem que o comportamento seja romantizado ou minimizado.” Nesta expressão sobre loucura, é importante não presumir ou descartar eventual condição de saúde mental. O adequado é não utilizar a expressão como justificativa para a violência.
“Bêbado matou a companheira.”	“O autor matou a companheira. O consumo de álcool não justifica nem retira a responsabilidade pela violência praticada.”
“Bom pai.”	“A condição de pai não afasta a responsabilidade pela violência praticada.”
“Bom marido.”	“A imagem construída no âmbito familiar não invalida a violência cometida contra a mulher.”
“Cidadão de bem.”	“A posição social ou a reputação do autor não diminuem a gravidade da violência praticada.”
“Empresário exemplar.”	“A trajetória profissional do autor não justifica nem atenua a violência cometida.”

Durante o evento, apresentou-se pesquisa de mestrado sobre o tema, gerando reflexões práticas. A oficina orientou participantes a reformular manchetes, leads e textos que reproduzem padrões prejudiciais, substituindo-os por narrativas que identifiquem o agressor como responsável e a mulher como vítima de um crime.

Expressões como "não aceitava o fim do relacionamento", "perdeu a cabeça", "cego de ciúmes" e "agiu em momento de loucura" minimizam a gravidade do delito. Similarmente, qualificadores como "bêbado", "bom pai", "bom marido" ou "empresário exemplar" buscam humanizar o agressor e minimizar suas responsabilidades, revitimizando a mulher.

Conforme explicado pelas palestrantes, sentimentos, estados emocionais, posição social ou características pessoais do autor nunca justificam violência contra mulheres. Ciúme, álcool, loucura ou término de relacionamento não explicam nem desculpam tal conduta. Comunicar responsavelmente significa reconhecer a vítima em sua integralidade, não culpabilizá-la, recusar romantização da violência e atribuir ao perpetrador a culpa integral por seus atos.

Evitar	Preferir
“Briga de casal”	“Violência contra a mulher”
“Discussão terminou em morte”	“A mulher foi morta pelo companheiro após um episódio de violência”
“Mulher foi vítima de uma tragédia passional”	“Mulher foi vítima de feminicídio” (quando caracterizado ou investigado como tal)
“Ela provocou a reação dele”	“A responsabilidade pela violência é de quem a praticou.”
“Relacionamento conturbado”	“Relacionamento marcado por episódios de violência, quando comprovados.”
“Ele não aceitava ser contrariado”	“O autor praticou violência diante da autonomia e das decisões da mulher.”
“Mais uma mulher envolvida em relacionamento abusivo”	“Mais uma mulher vítima de violência de gênero.”
“O casal tinha problemas”	“A violência praticada pelo autor não pode ser atribuída à vítima ou ao relacionamento.”
“Ela terminou e ele não suportou”	“A decisão da mulher de encerrar o relacionamento deve ser respeitada. O autor é responsável pela violência praticada.”

Diretrizes para Comunicação Não Revitimizante

Uma cobertura responsável deve:

Não justificar: ciúme, substâncias, fim de relacionamento ou conflitos nunca legitimam agressão.

Não romantizar: violência não é demonstração de amor, paixão ou descontrole emocional.

Não culpabilizar: opções, atitudes, vestuário, horários ou decisões da vítima não autorizam agressão.

Não desqualificar: histórico pessoal, profissão, reputação ou contexto familiar do agressor não relativizam o delito.

Não reduzir a vítima ao crime: conservar sua identidade, trajetória, dignidade e humanidade.

Responsabilizar o perpetrador: centralizar quem cometeu a violência e a natureza do ato.

Mensagens-chave para Campanhas Educativas

Violência não significa amor. Ciúme não justifica agressão. Crime não é descontrole.

Términos de relacionamento não autorizam violência.

Nenhuma justificativa sustenta violência contra mulheres.

Reputação do agressor não anula o delito.

Álcool não é o culpado. O agressor responde por seus atos.

Não romantize violência. Não transforme crime em drama amoroso.

A vítima não provoca violência. O agressor é responsável.

Linguagem revitimiza. Escolha palavras que não reproduzam agressão.

Não é necessário conhecer a vida da vítima para reconhecer seu direito à dignidade.

Antes de publicar, questione: minha narrativa responsabiliza o agressor ou o justifica? Caso positivo, reformule.